



***A TRAJETÓRIA DOCENTE DE MULHERES QUE LECIONAM
CIÊNCIAS DA NATUREZA: OS DESAFIOS DA DOCÊNCIA***

***EL CAMINO DOCENTE DE LAS MUJERES QUE ENSEÑAN CIENCIAS
DE LA NATURALEZA: LOS RETOS DE LA ENSEÑANZA***

***THE TEACHING PATH OF WOMEN WHO TEACH SCIENCES OF
NATURE: THE CHALLENGES OF TEACHING***

Gardenia Oliveira Muniz¹

Talamira Taita Rodrigues Brito²

RESUMO

A partir das análises realizadas numa pesquisa de mestrado que teve como título: Narrativas de Professores de Ciências sobre o Mal-estar Docente: Trajetória, Adoecimento e Permanência, defendida em 2018, destacamos alguns resultados em torno da trajetória docente de mulheres. Neste estudo, o nosso objetivo é apresentar como as demandas da docência implicam na vida das mulheres e como isso constitui aquilo que chamamos de mal-estar da profissão docente. Construimos uma pesquisa qualitativa, empregando o método (auto) biográfico. Foram utilizadas as narrativas escritas das colaboradoras através do uso de uma Caixa de Memória para discutir sobre o trabalho docente de mulheres, que se apresentaram sobrecarregadas e adoecidas diante das demandas do seu cotidiano. Percebe-se que as mulheres, historicamente, vivenciam contradições de gênero e acúmulos de tarefas em sua rotina profissional e doméstica, atingindo a sua disposição, entusiasmo pela vida e trabalho, e até mesmo sua saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Mulher. Docência. Trabalho. (Auto) biografia. Mal-estar docente.

¹ Mestre em Educação Científica e Formação de Professores. UESB, Jequié, Bahia, Brasil.

² Pós-Doutorado em Educação. UFU. Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.

RESUMEN

A partir de los análisis realizados en una investigación de maestría que tuvo como título: Narrativas de docentes de ciencias sobre la enfermedad del docente: trayectoria, enfermedad y permanencia, defendida en 2018, destacamos algunos resultados en torno a la trayectoria docente de las mujeres. En este estudio, nuestro objetivo es presentar cómo las demandas de la docencia implican la vida de las mujeres y cómo esto constituye lo que llamamos el malestar de la profesión docente. Construimos una investigación cualitativa, utilizando el método (auto) biográfico. Las narrativas escritas de las colaboradoras se utilizaron mediante el uso de una Caja de Memoria para discutir la labor docente de las mujeres, que se encontraban sobrecargadas y enfermas ante las exigencias de su día a día. Se percibe que las mujeres, históricamente, experimentan contradicciones de género y acumulaciones de tareas en su rutina profesional y doméstica, alcanzando su disposición, entusiasmo por la vida y el trabajo e incluso su salud.

PALABRAS-CLAVE: Mujer. Enseñando. Trabajo. Autobiografía. Malestar docente.

ABSTRACT

Based on the analyzes carried out in a master's research that had the title: Science Teachers' Narratives about Teacher Malaise: Trajectory, Illness and Permanence, defended in 2018, we highlight some results around the teaching trajectory of women. In this study, our objective is to present how the demands of teaching imply women's lives and how this constitutes what we call the malaise of the teaching profession. We built a qualitative research, using the (auto) biographical method. The collaborators' written narratives were used through the use of a Memory Box to discuss the teaching work of women, who were overloaded and sick in the face of the demands of their daily lives. It is perceived that women, historically, experience gender contradictions and accumulations of tasks in their professional and domestic routine, reaching their disposition, enthusiasm for life and work and even their health.

KEYWORDS: Women. Teaching. Work. Autobiography. Teaching malaise.

* * *

Introdução

O presente estudo surgiu das análises realizadas numa pesquisa de Mestrado Acadêmico em Educação Científica e Formação de Professores, UESB- Campus Jequié-BA, que teve como objetivo compreender como os professores de ciências vivenciam e permanecem em sua profissão, ao apresentarem, dentre as manifestações do mal-estar docente, o seu adoecimento junto à profissão. O que obtivemos, como resposta de nossa investigação foi uma maioria de mulheres³ vivenciando e construindo o mal-estar na

³ O presente artigo tem enfoque nas histórias de vida de professoras das Ciências das Naturezas, devido ao processo investigativo da construção de minha dissertação entrelaçar com as narrativas de docentes

profissão, já que a predominância da atuação docente na educação básica é feminina. Além de dividirem o desgaste do trabalho com as tarefas domésticas, ainda são enquadradas a uma jornada de trabalho exploradora entre a vida nas escolas e vida doméstica.

São diversas as atividades que as mulheres vivenciam ao longo da sua jornada profissional e necessitam dividir tais atividades com as demandas da sua vida pessoal. E assim, apresentam-se em muitos momentos empolgadas, motivadas, mas também, desanimadas, aflitas e exaustas. A conjuntura da jornada feminina faz com que estas se sintam afetadas pelo mal-estar. Além disso, o cargo docente não usufrui de prestígios socioeconômicos, constatando-se uma crise profissional neste setor, pois a figura social e a situação financeira das docentes têm convivido historicamente com uma grande decadência e descrédito.

Nesta discussão buscamos entender como o cotidiano do trabalho docente implica na vida das professoras. Visto que, existem reivindicações das mulheres acerca da sobrecarga de atribuições na docência, na qual em alguns momentos não conseguem realizar e sentem-se afetadas pelo excesso de atividades. O objetivo do nosso artigo é apresentar como as demandas da docência implicam na vida das mulheres e como isso constitui aquilo que chamamos de mal-estar da profissão docente.

Dentre os aspectos pontuados trazemos aqui uma discussão sobre: A docência e o trabalho feminino; além de revisitar e apresentar um recorte do desenho metodológico da dissertação, o perfil das colaboradoras do estudo, os resultados e discussão na perspectiva das narrativas das professoras e sua relação com a docência.

Compreendemos que a docência majoritariamente feminina é pautada em uma história de lutas, resistências a desvalorização da profissão, retiradas de direitos, sobrecargas de trabalho e demandas que interferem na vida das professoras. Por vezes, estas profissionais vivenciam o adoecimento, a falta de amparo e investimento em políticas públicas que busquem melhorias em sua rotina exaustiva. Neste sentido, tencionar tais questões, pode ser visto como um meio de anunciar, denunciar, resistir e construir uma agenda de demandas de lutas presentes-futuras na-com-por-pela profissão docente majoritariamente composta por mulheres.

que, de forma voluntária, propuseram-se a narrar as suas respectivas experiências enquanto mulheres no magistério.

A docência e o trabalho feminino

Ao longo do tempo a sociedade atravessou algumas mudanças e exigências que repercutiram e ainda repercutem na educação. Assim, é natural que o trabalho docente sofra algumas alterações e assuma novas posturas e demandas que, por vezes, não conseguem atender às expectativas do contexto sociocultural. Visto que, é cobrado das professoras melhorias na qualidade do ensino, porém, muitas vezes, não é oportunizado boas condições de trabalho para o exercício da docência. Além disso, não se deve responsabilizar as docentes por todas as mazelas que ocorrem no espaço escolar.

A Lei de Diretrizes de Base (LDB), 1996, ressalta que a educação é dever da família e do Estado e tem como norte o pleno desenvolvimento do estudante para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Portanto, a responsabilidade do processo educativo não deve ficar restrita às professoras.

Conduzindo estes fatos para a situação laboral atual das docentes, é importante destacar as modificações que aconteceram nos últimos anos, com a finalidade de entender esta profissão. O trabalho docente é uma das profissões mais antigas, e teve sua metodologia alterada no decorrer dos sistemas de formação dos profissionais, particularmente devido às alterações de trabalho da humanidade e da produção, das alterações culturais e da ascensão da tecnologia, que refletiram e refletem no modo de vida e de ocupação das professoras (LEMOS, 2005).

As docentes são indagadas devido às dificuldades enfrentadas no contexto educacional e sentem-se responsabilizadas pelas exigências e resultados insatisfatórios. As contradições vivenciadas na escola interferem na atuação e disposição dessas profissionais, para assumir um cotidiano complexo e, que requer um investimento maior em políticas públicas para a melhoria do cenário da educação.

No entanto, Aguiar e Almeida (2011) afirmam que as professoras são as mais responsabilizadas por desenvolverem mal o seu trabalho e, sentem-se afetadas em sua atividade profissional por circunstâncias externas, sociais, tais como condições econômicas, políticas e culturais do país e das famílias de seus alunos. São obrigadas a lidar com as críticas na profissão e a utilizar diversos mecanismos de defesa na tentativa de aliviar a tensão vivida no trabalho.

Outro fator praticado pelas docentes diz respeito à necessidade de empregar turnos alternativos para o desenvolvimento das funções exercidas, ampliando, por este lado, o volume de trabalho do docente. As consequências negativas da vida pessoal das

docentes, refletem-se principalmente na utilização dos finais de semana e das madrugadas para exercer atividades extraclasse.

Constatam-se inúmeras causas que influenciam na saúde e nas atividades laborais das docentes, destacando-se na organização educacional o grande aumento de trabalho; instabilidade e significativas alterações das relações laborais; sendo que estas características refletem na identidade e na conjuntura das docentes. (FREITAS, 2015)

Ao precisar lidar com as exigências e mudanças as quais passaram a existir na profissão, Pereira (2016) afirma que as professoras entram num grande momento de incerteza, devido às dificuldades de manterem a eficácia do que fazem. Para o autor, as referências deste grupo de profissionais, que antes eram estáveis, atualmente não parecem ser positivas.

Além disso, é possível perceber que o trabalho docente acontece em condições complexas, que atinge as professoras, repercute em sua atuação profissional, sua imagem e autoestima, contudo, ainda ocorre diante de condições precárias. É preciso lidar com a sobrecarga imposta, que são aspectos relacionados ao seu contexto de trabalho.

Executar outras tarefas durante o curso da ação principal, atender ao aluno individualmente, controlar a turma coletivamente, preencher múltiplos instrumentos e formulários de controle são dimensões da intensificação do trabalho que implicam regular na urgência. Situações de sobreposição de tarefas podem explicar o cansaço físico, vocal e mental do docente. (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009, p. 361)

Nesse processo de reflexão, Codo (2006) acrescenta que os salários baixos, as condições precárias, gestão autoritária, a escassez de recursos, a insuficiente perspectiva de progressão na carreira, o trabalho desvalorizado, as exigências configuram-se como entraves para que haja reconhecimento e são estes alguns fatores que impedem uma situação de trabalho favorável as professoras, diminuindo cada vez mais suas perspectivas em relação ao seu ofício.

Outrossim, ressalta-se que, perante as atribuições que são conferidas às docentes, diversas vezes, o volume de trabalho cresce e é acompanhado de tensões transitórias. Desta maneira, episódios que retratam o trabalho docente, podem justificar a fadiga mental, física e vocal, expostas por esta classe trabalhadora (ASSUNÇÃO; OLIVEIRA, 2009). No que diz respeito às relações de satisfação e angústia das docentes, as duas situações encontram-se presentes, confirmando a concepção de que o trabalho pode

cooperar para a realização da profissional, como também para a decepção e adoecimento físico, mental e psicológico.

O trabalho docente, por sua vez, que predominantemente é feminino (CODO, 2006), envolve outras questões, como: os excessos, aflições e demandas no trabalho de mulheres que precisam se dedicar também as exigências domésticas, da maternidade, da relação conjugal, entre outras.

Desta forma, é preciso perceber e discutir sobre o papel que as mulheres vêm desempenhando na sociedade, no trabalho ou na docência e reivindicar por melhores condições em sua atuação, que se torna exaustiva diante das imposições e responsabilidades que são direcionadas a estas.

Historicamente o papel de provedor foi atribuído ao homem, às mulheres cabiam os cuidados com lar e o papel da maternidade. Ao longo do tempo houve mudanças nas obrigações dos familiares, e a mulher passou a assumir o papel de provedora, às vezes única responsável pela manutenção da família, mas a sua função de principal responsável pelos afazeres domésticos ainda se manteve ativa.

Assim, a mulher assume um espaço visto como do homem, conforme Codo (2006, p. 67) “é comum que as tarefas femininas se somem as masculinas, configurando dupla jornada de trabalho”. Para o autor, as mulheres não se isentam de ocupações para se responsabilizarem por outras é frequente o acúmulo de tarefas por parte destas.

No campo educacional, a identidade feminina na docência ocorreu porque se acreditava e enfatizava que as mulheres poderiam realizar muito melhor a tarefa de educar na infância. “Às mulheres estava tradicionalmente reservado o mundo doméstico e sua participação no trabalho fora de casa precisava ser justificada sem a negação do seu destino primordial” (LOURO, 1989, p. 33). Assim, o ato de educar foi se incorporando sobre as concepções da feminilidade, a tarefa de cuidar e ensinar se expandia do lar para as escolas. No qual foi possível se legitimar a identidade feminina com a docência.

Nessa circunstância, como o homem tinha o papel de “chefe da família”, as professoras não precisavam ser bem remuneradas, visto que elas lecionavam por vocação, “por amor”. A remuneração salarial, dessa forma, tinha como função complementar a renda familiar. Esse estereótipo vem carregado de preconceito e desvalorização profissional. (LOURO, 1997)

A autora ainda ressalta que a inserção das mulheres na docência ocorreu, dentre outros fatores, pela conveniência de um contexto social e político em que outras profissões vinham ganhando prestígio e valorização salarial no Brasil. Assim, a docência não era vista como uma profissão complexa como o direito, a engenharia e a medicina. Portanto, assim como as mulheres tinham a missão de educar os filhos, teriam condições de educar os alunos.

Contraditoriamente, de acordo com Faria (2005) a docência realizada pelas mulheres também está associada a sua emancipação, apresentando significados relevantes para a professora que se dedica ao trabalho dentro e fora do lar, atribuindo-lhe o protagonismo feminino de contribuir com as despesas da família. Posição que diminuía o lugar da submissão feminina nas famílias.

As exigências desse novo papel renderam às mulheres novos posicionamentos, enfrentarem o cotidiano do trabalho, assumirem funções, emitirem opiniões e se imporem em diversas questões do seu ofício. Contudo, as atividades e demandas de trabalho se somaram às domésticas, tornando as atribuições femininas mais dispendiosas.

Metodologia

Os dados do presente estudo foram construídos a partir das narrativas de professoras de ciências da educação básica, da rede estadual e municipal de Jequié-BA, que colaboraram com a pesquisa de Mestrado Acadêmico em Educação Científica e Formação de Professores, UESB- Campus Jequié-BA, que tem como título: Narrativas de Professores de Ciências sobre o Mal-estar Docente: Trajetória, Adoecimento e Permanência, finalizada em 2018. Embora a pesquisa se inicie no âmbito da generalização de colaboradores, pois esperávamos conhecer a realidade de homens e mulheres, o público feminino foi a maior parte que decidiu participar da pesquisa e por esta razão criamos agora um meio de “reparar” aquilo que na altura da maturidade da pesquisa e da pesquisadora que não tivemos condições de assumir, escrevendo este artigo, enaltecendo a predominância das mulheres da docência da educação básica.

Neste texto foi possível destacar excertos das narrativas de seis professoras: Andrea, Esterlina, Fênix, Júlia, Maria Helena e Vida, que utilizaram nomes fictícios, para abordar sobre a escolha profissional e as vivências no trabalho docente. Estas trazem em seus relatos contribuições relevantes sobre a trajetória feminina na docência.

A pesquisa se sustenta através da abordagem qualitativa. Lüdke e André (1986) apontam que nessa perspectiva buscamos valorizar e explorar as dimensões pessoais das colaboradoras, ou seja, seus afetos, sentimentos e percursos de vida, ao permitir e entender a complexidade das interpretações que estas fazem das suas vivências, das suas ações, dos seus sucessos e insucessos e dos problemas, desafios e dilemas com os quais são confrontadas.

Assim, buscou-se, a partir da abordagem qualitativa, uma melhor interação com as participantes da pesquisa, momento em que fora permitida uma aproximação e conhecimento sobre a história de vida pessoal e profissional destas, através das narrativas escritas. A intenção fora compreender a trajetória de cada docente, trazendo informações que apresentassem a sua realidade de trabalho e, como isso tem refletido na sua atuação como profissionais que vivenciaram o adoecimento no trabalho.

Como princípio, buscou-se uma autorização para que a pesquisa fosse realizada nas escolas junto ao Núcleo Territorial de Educação de Jequié-BA (NTE 22) - órgão responsável pela administração das escolas no território de identidade do Médio Rio de Contas -, localizado na cidade de Jequié-BA. A autorização também deveria partir da Secretaria Municipal de Educação de Jequié-BA (SMEJ), que coordena as atividades do poder público ligado à educação municipal da referida cidade.

A partir das autorizações dos órgãos responsáveis pelas escolas municipais e estaduais de Jequié, buscou-se realizar uma visita nas respectivas escolas, investigando, por intermédio de uma conversa inicial, com os gestores, sobre as professoras que se encaixariam no perfil das colaboradoras da pesquisa.

Cabe salientar que a proposta da pesquisa é de teor descritivo, já que cada um teve de narrar, de forma escrita, a sua trajetória de vida a partir dos argumentos apresentados no roteiro de pesquisa. Este roteiro fora disponibilizado para as colaboradoras por meio da *Caixa de Memórias*⁴, a partir de um contato pessoal com cada um. Na ocasião, explicamos a proposta da pesquisa e, apesar de algumas queixas com relação à falta de tempo, todas foram solícitas em participar da pesquisa.

Na pesquisa foi empregado o método (auto) biográfico, que utiliza a história de vida e formação como processo de investigação-formação SOUZA (2006). Este autor esclarece que, na área de educação tem se adotado tanto na formação inicial ou

⁴ Caixa de Memórias é um dispositivo de pesquisa, criado pelas investigadoras, que possibilitou as colaboradoras escreverem sobre si mesmo e dispor, ao longo dos dias, em caixas de papel, lembranças que fizeram parte da sua trajetória de vida profissional.

continuada de professores, assim como em pesquisas centradas nas memórias e autobiografias das docentes. No caso do trabalho aqui apresentado, as discussões da pesquisa se assentaram sobre os dados que foram obtidos por meio do levantamento bibliográfico e das narrativas das colaboradoras.

Souza (2007) afirma que, no momento que se busca na memória elementos da trajetória de vida, desde a formação inicial até a presente atuação, é possível que aconteça uma tomada de consciência do que se passou, o que permite uma melhor compreensão da sua construção identitária e de suas ações profissionais e pessoais, além de possibilitar a modificação em suas ações. Quando isso acontece, pode-se considerar que houve uma autoformação.

Ao pensar sobre seu passado - suas ações, aquilo que está em sua memória-, o indivíduo passa a ter uma nova compreensão acerca da sua história e, dessa forma, haverá a possibilidade de uma autoformação, um novo olhar sobre si. Este exercício de reflexão particular tem um caráter formativo para a pessoa e para quem investiga- é uma caminhada de mão dupla.

Delory-Momberger (2008) discute a relevância deste tipo de pesquisa, ao destacar o papel da subjetividade, das experiências concebidas sobre a individualidade e as distinções particulares de cada um. A autora estabelece uma dupla proposta de pesquisa, com características heurísticas sobre o investigado e sobre a investigadora: a colaboradora passa a ser investigadora de si mesmo, enquanto a pesquisadora tem como finalidade favorecer o processo da investigação e compreender as interpretações que as participantes fazem de si próprias.

Por meio das narrativas, as colaboradoras da pesquisa fazem uma autorreflexão, delineando novas posturas, ao buscar o seu desenvolvimento profissional e pessoal. Compreende-se, assim, que tem surgido uma nova concepção de formação, que abrange não só o processo formativo acadêmico, mas que vai além dessa fase de aprendizado.

Na presente pesquisa, as narrativas das professoras foram obtidas por meio de narrativas escritas, através do dispositivo Caixa de Memórias. Dessa forma, foi possível recolher dados descritivos das colaboradoras no intuito de analisar como estas compreendem e descrevem a sua trajetória de vida, sendo estas as autoras da sua própria história. O processo de investigação também possibilitou que a investigadora desenvolvesse a percepção de como as colaboradoras interpretam aspectos vividos, os quais as levaram ao adocimento na profissão.

Ao optar por investigar uma trabalhadora que atua, mas também sofre as consequências dentro de uma categoria profissional, surgiu a possibilidade de perceber que estas reconstruíram uma consciência histórica ao longo da vida profissional. Pineau (2010) aborda que o entendimento de formação dentro de uma perspectiva (auto) biográfica refletida é buscar que a pessoa em formação descreva uma trajetória reflexiva da sua caminhada profissional e construa, a partir de suas histórias, um projeto de *pesquisa-ação-formação*.

Segundo Pineau (2006), a corrente da pesquisa-ação-formação configura-se como o surgimento do trabalho com histórias de vida. Conforme o autor, essa corrente faz parte de um movimento bioreflexivo e pode contribuir, ou não, para os indivíduos apropriarem-se da capacidade de refletir sobre si.

No momento em que as colaboradoras da pesquisa pensam sobre si, relembra fatos das suas histórias, reinterpreta estes acontecimentos e apresenta-os em suas narrativas. Tal possibilidade favorece uma auto-formação. Percebe-se, pois, que a pesquisa-ação-formação acontece quando a pesquisadora interpreta e compreende sobre o que ocorreu na descrição investigada e, ao refletir sobre este momento vivido com o outro, também ocorre um processo de formação da investigadora.

Para Passegi, Souza e Vicentini (2011), a escrita de si é percebida como um recurso que permite que a pessoa reflita acerca da sua trajetória de vida, desde o seu processo formativo formal, como também aqueles considerados não formais. Segundo os autores, a escrita é uma maneira de interpretar aquilo que é tido como relevante pela narradora sobre o que fora vivenciado por ela, desde o início do seu percurso profissional até sua atuação vigente. A ação de refletir sobre aquilo que fora experienciado durante o exercício da profissão é uma atividade formadora.

Passegi (2006) afirma que, ao refletir sobre a escrita autobiográfica, a pessoa compreende os conflitos existenciais e afetivos os quais atravessam, assim como o seu alcance auto-formativo, por meio dos quais há a possibilidade de pensar sobre aquilo que se passou e, ao lembrar o acontecimento, este pode ser ressignificado.

Dessa forma, é possível perceber que a narradora, ao passo que reflete sobre o seu passado, pode ter um novo olhar sobre a sua história pessoal e profissional. Este tipo de escrita, para Souza (2004, p. 75), permite a “auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si”.

A pesquisa autobiográfica que utiliza a escrita pode ser identificada em diversos contextos e permite diferentes maneiras de falar sobre si mesmo, por meio de diversos gêneros, dentre os quais Câmara e Passegi (2013) destacam os ensaios autobiográficos, portfólios, autobiografia alimentar, cartas, relatos orais, narrativas autobiográficas de formação, diários do pesquisador, cadernos autobiográficos, entrevistas biográficas, entre outros.

Neste estudo, buscou-se a proposta das *narrativas autobiográficas escritas*, pois, segundo Gaspar, Pereira e Passegi (2013), esta é a forma de reflexão do eu, por meio da qual o sujeito é capaz de significar sua existência narrativamente, de forma simbólica, a partir da ordenação dos fatos experienciados. A autora se colocará como personagem da sua história, analisando através da sua escrita aquilo que fora relevante em sua vida profissional.

Através da escrita de si, a colaboradora tem a autonomia de relatar, sem bloqueio, constrangimento, ou qualquer outro sentimento negativo que possa surgir no momento, as suas lembranças passadas. O assunto abordado na investigação, além de suscitar situações vivenciadas em sua formação docente, durante a atuação profissional, está também muito associado às experiências de sua vida pessoal. Neste caso, a narrativa escrita permitiu que as colaboradoras dispusessem da espontaneidade de suas lembranças e reflexões de suas memórias, que na pesquisa narrativa torna-se muito importante em função do resultado que se pretende alcançar.

Inicialmente, investigou-se o campo de atuação no qual poderíamos encontrar as colaboradoras. Acertou-se um tempo para realização dessas narrativas, buscando respeitar o momento de escrita de cada uma, pois este é um período de revisitar o passado, resgatar as memórias positivas e negativas em relação à profissão e construir uma autorreflexão sobre si mesmo.

Compreende-se que, para as professoras falarem de si, ao utilizarem uma Caixa de Memória, fora necessário oportunizar tempo e autonomia para estas. Através do exercício de recordar as concepções interiores, surgiram experiências individuais e grupais que foram selecionadas, pelas docentes, de forma significativa para serem colocadas em um dispositivo que guarda exclusivamente a sua história.

Ao receber a Caixa de Memória, além de inovar e permitir a discrição no ato de recordar e narrar, foi possível que as colaboradoras depositassem através de imagens, bilhetes, objetos que estivessem conectados aos momentos de prazer e/ou descontentamento, ou outras experiências relevantes em sua vida. Esta fase de troca

afetiva com o passado contribui também para que outras pessoas se reconheçam nessas histórias.

Realizar a pesquisa usando a Caixa de Memórias permitiu, de alguma forma, que as colaboradoras se sentissem livres de qualquer constrangimento para expor seus pensamentos, desabafos, citações pessoais de um momento da vida que fora marcante e, ao mesmo tempo, estiveram guardadas na memória: lembranças sofridas advindas da profissão que exigem discrição, tempo e cuidado para serem exploradas.

Após este momento, buscou-se, inicialmente, organizar o material, de forma que possibilitasse a análise daquilo que fora disponibilizado pela colaboradora, com a finalidade de compreender, interpretar e apresentar o que se encontrou através de uma leitura interpretativo-compreensiva.

Para Souza (2014), a pesquisa (auto) biográfica considera a subjetividade construída durante a pesquisa. Já a análise interpretativo-compreensiva está implicada nas histórias de vida, pois apreende regularidades e irregularidades que são apresentadas nas narrativas orais ou escritas, através de uma relação entre o objetivo do estudo e o processo da investigação- formação, ao considerar a individualidade das pessoas, como também explorar as experiências coletivas no processo de reconstruir e autorrefletir sobre a própria história de vida.

Na análise interpretativo-compreensiva, fora utilizada a ideia simbólica de uma leitura em três tempos, a qual Souza (2014, p. 44) “considera o tempo de lembrar, narrar e refletir sobre o vivido”: Tempo I: Pré-análise/ leitura cruzada - o momento de analisar de forma detalhada as narrativas, sendo sensível às descrições. Em seguida, observar o cruzamento individual e coletivo das histórias das colaboradoras e, por fim, selecionar os sentidos semelhantes das narrativas, identificando as unidades temáticas para análise.

O Tempo II, segundo Souza (2014, p. 44), “está vinculado às leituras cruzadas do Tempo I, diz respeito à Leitura Temática”. Nesta etapa, buscam-se apreender as regularidades, irregularidades, particularidades e subjetividades das histórias pessoais das colaboradoras, as características particulares presentes no conjunto das narrativas serão selecionadas de acordo à organização temática, identificadas nas unidades de análise, permitindo uma interpretação-compreensiva do texto narrativo.

De acordo com Souza (2014), o tempo II da análise interpretativo-compreensiva, exige uma leitura cuidadosa, que busque os sentidos – estes são atribuídos à interpretação das experiências individuais e coletivas; e os significados – o que de fato

está representado na consciência de alguém, ou seja, o que as colaboradoras apresentaram em suas escritas sobre suas experiências pessoais. Buscou-se apreender as minúcias e as subjetividades subjacentes às histórias de cada pessoa. A partir de uma leitura analítica e da interpretação temática, as narrativas foram agrupadas através das unidades temáticas.

A articulação entre a unidade temática e a história narrada faz com que a investigadora esteja em constante escuta dos dados obtidos, o que contrapõe a noção de categoria, segundo Souza (2014). A leitura e a releitura das unidades temáticas permitem um olhar mais aproximado das experiências significativas advindas das trajetórias de vida dos participantes.

De acordo com Souza (2014), o Tempo III refere-se à leitura interpretativa do *corpus*, que está relacionado à análise interpretativa-compreensiva desde o início do processo de seleção das narrativas. O autor afirma ser necessário, nesta etapa de análise, que o pesquisador proceda a leituras contínuas do material coletado, tanto dos agrupamentos de análise temática, como também das narrativas e fontes utilizadas.

A partir daí, Souza (2014) aborda o surgimento da triangulação das fontes com as histórias de vida, no intuito de entender mais sobre o cotidiano das professoras na escola, o trabalho docente e os processos vivenciados por elas na profissão. Este processo está associado à leitura e à análise das narrativas, bem como à relação entre o embasamento teórico do estudo e a interpretação da pesquisadora.

Compreende-se que este momento requer muita atenção, por isso optou-se por um vislumbamento global e cuidadoso para se compreender e interpretar o material de análise. Assim, este é um tipo de estudo que deve ir além do que fora apresentado pelas colaboradoras, na tentativa de construir interpretações aprofundadas, éticas, a fim de respeitar aquilo que a narradora apresenta sobre si e de modo a garantir que estejam aludidas às fontes teóricas utilizadas na pesquisa. A escolha metodológica deste trabalho fora de extrema importância para organizar e traçar os caminhos da pesquisa, de maneira cuidadosa, além de permitir a reflexão das professoras sobre si, o seu trabalho e a sua permanência na profissão.

O perfil das colaboradoras da pesquisa

Quadro 1: Perfil das colaboradoras da pesquisa

Nome (fictício):	Andréa	Esterlina	Fênix	Júlia	Maria Helena	Vida
Idade:	36	48	34	44	34	47
Área de formação:	Química e Matemática	Ciências Biológicas	Ciências Biológicas	Ciências com habilitação em Química	Química e Pedagogia	Ciências com habilitação em Biologia
Titulação:	Graduada	Mestre	Mestre	Especialista	Graduada	Especialista
Tempo de atuação na docência:	10 anos	28 anos	12 anos	16 anos	10 anos	23 anos
Carga horária	40 h	40h	40h	40h	40h	40h
Disciplinas que ministra:	No momento atua na gestão	Ciências, Biologia, Meio Ambiente, Física e Química	Ciências, Meio Ambiente e Ciência e Tecnologia	Química, Física e Matemática	Matemática e Meio Ambiente	Educação Especial
Instituição de formação:	UESB	UESB	UESB	UESB	UESB	UESB

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Este quadro apresenta informações gerais sobre as colaboradoras da pesquisa. Por meio destas se pode constatar que a maioria são mulheres, estão na faixa etária dos 34 a 48 anos de idade, todos possuem licenciatura na área de química ou biologia e alguns ainda dispõem de formação em outras licenciaturas. A titulação das docentes encontra-se em nível de graduação, especialização e mestrado. Atuam na profissão há dez anos, ou mais, e todas as participantes exercem carga horária de quarenta horas semanais. Quanto ao campo de atuação, extrapolam a área específica de formação, ao atuarem em áreas afins do campo das Ciências ou Matemática.

A partir dos dados apresentados pelas professoras de ciências, pode-se perceber alguns fatores relacionados à organização do ensino, ao desenvolvimento profissional e às condições de trabalho que creditam uma visão geral sobre o exercício destas docentes nas escolas de Educação Básica da cidade de Jequié-BA. Estes pontos serão discutidos de forma mais aprofundada ao longo das análises, nos tópicos seguintes.

As professoras da presente pesquisa concluíram a graduação na mesma instituição de ensino, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia- UESB, em áreas específicas das ciências: química e biologia. Embora a formação tenha acontecido na mesma universidade, é importante destacar que ocorreram em momentos distintos e, de acordo com os relatos, houve diferenciações no currículo, em alguns aspectos. Destaca-se, também, que Andrea e Maria Helena possuem formação em Matemática e Pedagogia, respectivamente.

Algumas colaboradoras, ao apresentarem seu perfil, revelam que optaram por outros níveis de formação além da graduação: especialização e mestrado. Este interesse justifica-se pela progressão na carreira, pelo desenvolvimento profissional, pelas melhorias quanto ao salário, pelo investimento no saber e pela valorização no trabalho. Outro ponto que levou tais colaboradoras à busca do aperfeiçoamento profissional foi o desejo de melhorar a sua atuação em sala de aula, uma vez que relataram um contexto de dificuldades para transmitir os conhecimentos de suas áreas quando atuavam em sala de aula, fato que as levou a procurarem melhorar a formação.

A esse respeito, reiterando o que ocorre com as colaboradoras dessa pesquisa, Gatti e Barretto (2009) salientam que a busca pela formação continuada tem como propósito melhorias na realização do trabalho, por meio da atualização, e necessidade de acompanhar novos conhecimentos, já que a educação está sempre em processo de mudanças e exige que as professoras inovem em sua atuação. Assim, tem-se um quadro de professoras que, em maioria, não se acomodaram com a formação inicial, mas procuraram investir tempo, recursos e vontade em cursos que os levassem a aperfeiçoar a sua prática e a progressão profissional.

Com relação ao tempo de atuação das citadas docentes de ciências, constatou-se que o tempo o mínimo fora de dez anos e o máximo de vinte e oito anos de experiência. Frente a tal informação, pode-se perceber que, a exemplo do que define Huberman (1999), embora reconheçamos alguns distanciamentos de realidades, trata-se de um grupo de “profissionais em diferentes fases”. Nesse grupo, todas estão no processo de diversificação e questionamentos (entre os dez e os vinte e cinco anos), fatores que levam à experimentação, mas também a reflexões e a questionamentos sobre a carreira. Uma outra colaboradora, com vinte e oito anos de docência, está na fase de serenidade ou distanciamento afetivo (que comporta profissionais entre vinte e cinco e trinta e cinco anos de magistério), conforme prevê Huberman (1999).

Ainda, com base em Huberman (1999), pode-se observar que a maioria das participantes da pesquisa está numa fase em que é comum a busca de alternativas para os problemas encontrados na profissão (a exemplo disso, a maioria delas procurou formação complementar, como mestrado ou especialização), e registrou-se a existência de alguma crença na capacidade da educação de realizar melhoras, seja na vida profissional das docentes, seja na formação dos alunos. No entanto, como será abordado adiante nessa pesquisa, já aparecem, entre esses profissionais, fortes sinais do cansaço e de desesperança típicos de quem passa por processos de adoecimento e de conflitos no ambiente escolar.

Estas etapas da vida profissional, defendidas por Huberman (1999), ajudam a compreender a forma de envolvimento das professoras com o seu trabalho, o conhecimento que estas têm da sua atuação e a necessidade de se adequar ou não à docência. Ao longo da carreira docente, é comum as professoras demonstrarem algumas ações próprias da sua fase de atuação, no entanto nem sempre o desenvolvimento profissional ocorre por meio de uma sequência de acontecimentos. Percebemos sim, que as políticas de enfrentamento da profissão docente será fator determinante para estabelecer relações de bem e mal-estar junto a docência.

Um outro ponto que chama atenção no Quadro 1 é que a carga horária de trabalho das professoras é de quarenta horas. Frente a tal informação, infere-se que haja uma sobrecarga de atividades, durante a semana, para estas profissionais, diante da necessidade de planejarem, elaborarem aulas e realizarem os serviços da função docente, através de uma demanda grande de aulas e pouco tempo para dedicação em outras atividades, como formação profissional e vida pessoal. Isso vai ao encontro do que apontam Teixeira e Brito (2015), pois pode haver uma relação, revelada a partir do quadro de adoecimento das colaboradoras, entre adoecimento e demanda excessiva de atividades e desvios de repertórios formativos para permanecer na profissão.

Tardif e Lessard (2008) afirmam que o tempo de serviço de um professor no trabalho é cansativo, pois estes precisam dedicar-se ao ofício em sala de aula, como também às atividades extraclases como: planejar, atender aos pais, organizar recursos, entre outras atividades que não permitem que o docente possa realizá-las no próprio espaço de trabalho, a escola. No qual, as docentes necessitam estender muitas dessas demandas, como atividades extras escolares, fazendo com que a profissional passe a fazer do seu lar a extensão do seu trabalho profissional.

As disciplinas ministradas pelas professoras colaboradoras revelam outro fator que se configura como intensificador para a sobrecarga de demandas exigidas para essas mulheres, pois, além de lecionarem a disciplina da sua área de formação, as colaboradoras ainda precisam se dedicar à busca pelo conhecimento das outras áreas de ensino, a fim de completarem a sua carga horária de trabalho, o que lhes exigem mais disponibilidade para estudar e procurar permanecer qualificadas, inclusive optar por outra licenciatura ou pós-graduação.

A esse respeito, Nóvoa (1999) afirma que a formação permite que o professor reconheça-se enquanto profissional, ao atuar em sua área de ensino e realizar um trabalho fundamentado em práticas pedagógicas significativas. O autor ainda afirma que trabalhar fora desse contexto pode acarretar incoerências, tanto para quem ensina quanto para quem aprende, já que as professoras precisam se assumir como agentes do conhecimento de ensino.

As primeiras percepções sobre o perfil das colaboradoras da pesquisa levam a observar que são profissionais que buscaram formação, possuem um tempo de experiência significativo na profissão, atuam enfrentando os diversos dilemas do contexto escolar e são professoras que permaneceram no trabalho frente à complexidade da docência.

Dessa forma, a partir de agora, apresentaremos aspectos da realidade de vida e trabalho das colaboradoras, de modo a apresentar a expressão dos profissionais sobre a sua trajetória profissional, o adoecimento e a permanência no trabalho. Aqui, os dados serão compreendidos por meio do embasamento de outros estudos e com base nos acontecimentos ao longo da carreira destas docentes.

As narrativas de mulheres sobre o trabalho docente

De modo geral, as condições de trabalho que as docentes estão submetidas são determinadas pelo contexto social, econômico e cultural. Existe um caminho percorrido pelas professoras de enfrentamento por uma formação de qualidade, estabilidade profissional, melhorias no contexto do trabalho, além do cuidado consigo e com os familiares. Diante deste fato é necessário apresentar algumas falas que destacam o papel da mulher frente a uma jornada de trabalho intensa.

Destacamos neste estudo os excertos das narrativas de seis professoras, Andrea, Esterlina, Fênix, Júlia, Maria Helena e Vida, que caracterizam diretamente o processo da docência feminina na sociedade, bem como, algumas experiências que interferem e

atingem a vida dessas mulheres. Desde a formação existe certo direcionamento para que as meninas escolham a carreira da docência, é o que relata Júlia:

Eu me recordo, que como toda menina da década de 80, brincava de escola, de ser professora, além de brincar também de ser mãe, de ser dona de casa. Eu era sempre professora e diretora nas brincadeiras, e a minhas bonequinhas eram meus alunos. Criei uma aversão à questão de ser professora entre o sétimo ano, o que durou até o ensino médio, isto porque não via muito futuro na profissão, havia muitas reclamações das professoras, períodos de greve, baixos salários, desistência da carreira, mas ainda assim tínhamos muito respeito, e até certa idolatria e consideração pelas professoras naquele período e, eu acabei caindo no curso de licenciatura não por escolha, mas por ser a única opção do que fazer. Sou a quarta filha de cinco, quatro homens e a caçula mulher. Meus pais não concluíram o ensino fundamental I, e fui à primeira de minha família a ingressar no ensino superior. (Professora Júlia, em 2017)

A docente destaca que desde a infância o seu entretenimento era ser professora e mãe, aspiração que na maioria das vezes é impulsionada pela família e sociedade, ainda mais na década de 80, quando as mulheres eram criadas para cuidarem das famílias. Mesmo que esse sonho tenha desaparecido por um tempo, na adolescência, devido às condições de trabalho desgastantes que suas próprias professoras enfrentavam, Júlia percebia isso, com um olhar não tão romantizado em se tornar professora. No entanto, na fase adulta ela opta cursar uma licenciatura, por ser a profissão possível de escolher.

Conforme Louro (1989) com a expansão da escolarização no Brasil, na segunda metade do século XIX, a saída das mulheres para o trabalho não deveria se distanciar daquilo que elas já realizavam em suas casas, o trabalho de cuidar. E assim, a sociedade passa enxergar a educação como uma tarefa feminina, principalmente nas séries iniciais. O que faz com que muitas famílias imprimam o desejo da docência nas filhas, como escolha profissional destas.

Contudo, o trabalho docente realizado por mulheres sempre aconteceu com poucos investimentos, segundo Costa (2010) existe a relação entre a proletarização da docência e a feminização do magistério. Para o autor, uma carreira com predominância de mulheres, incorpora culturalmente o controle e direção por se caracterizar uma profissão feminina. Atualmente, ainda percebe-se a falta de autonomia no trabalho docente, assim como uma remuneração baixa.

Penna (2011) ainda aborda que a escolha das mulheres em serem professoras estão relacionadas muitas vezes ao direcionamento dos pais, irmão, esposos. Como a professora Júlia colocou que vivia numa casa em que a maioria dos irmãos eram

homens, é possível que as suas decisões decorressem de uma aprovação da família. A docência feminina, neste caso, passou a ser uma profissão aceitável e permitida, que agradaria aos seus familiares.

Quando estão inseridas no mundo do trabalho as mulheres necessitam lidar com diversas situações embaraçosas que as fazem trazer à memória a relação social que existe em ser professora e o instinto materno. Sentimento de incompreensão que as docentes carregam principalmente no início da carreira.

Como já não tinha tantas disciplinas, comecei no último ano da graduação a trabalhar em uma escola da rede privada dando aulas de Ciências no ensino fundamental I. Foi o primeiro contato de regência. Foi difícil! É quando você descobre que não se aprende no estágio, o estágio é importante – não nego – mas não se aprende no estágio. Eu não tive aceitação dos alunos (estava no lugar de uma professora daquelas mãezonas, queridíssima e eu não era nem mãe muito menos queridíssima), não tinha domínio de classe. Ficava sem voz com frequência. Eu era um desastre no início, mesmo assim continuei e não me lembro exatamente porque nem como, mas as coisas foram aos poucos melhorando... Ahhh, mas eu acho que sei sim, foi a tal da experiência que começou a se construir. Eu acho que deve ser assim pra tod@ professor@, o início nunca é fácil. Não foi pra mim. Mas não durou muito tempo. Com o passar dos meses fui aprendendo aquilo que estágio nenhum ensina: ser professora! Durante o período que estive na escola minhas relações com o ensino e com @s alun@s mudou bastante. Mudei para outra escola particular, Criança Ativa, pois recebi um convite pra receber mais do dobro do salário. Novamente uma adaptação, novamente a questão da aceitação e novamente um aprendizado: substituir outra professora no correr do ano letivo não é coisa boa, as comparações, a rejeição e os desafios são muito maiores. (Professora Fênix, em 2017)

Nota-se na fala de Fênix que a construção da experiência docente a fez entender o processo de lidar melhor com as dificuldades do trabalho, inicialmente lidar com a esperança dos alunos que a professora atuasse como uma “mãezona”, como também, em superar os desafios de perder a voz ou acalmar os estudantes. De acordo com Aguiar e Assunção (2011) a licenciatura é vista, muitas vezes, como uma profissão sem muito prestígio, devido a fatores de desgastes físicos e mentais, sobrecarga, indisciplina, valorização salarial, condições de trabalho e questões culturais. Portanto, é um discurso recorrente entre as professoras que a docência é uma alternativa de trabalho exaustiva.

Contudo a colaboradora da pesquisa apresenta em sua narrativa que ao longo do tempo houve melhorias na condução do seu trabalho, como se a mesma estivesse conseguindo lidar melhor com os entraves aos quais se deparava. No início da jornada profissional, as docentes encontram inúmeras dificuldades, que vão amenizando com as

experiências adquiridas. E isso também está relacionado ao seu desenvolvimento profissional docente e a construção identitária.

E de acordo com esta reflexão, para Dubar (2005) por meio da atuação profissional o sujeito interioriza um conjunto de pensamentos, valores posturas e significações que o ajudam a construir uma identidade influenciando seu modo de se comportar, não só no trabalho como em outras esferas da vida social. Porém, o que se percebe é uma situação de stress e desmotivação entre as docentes, em que as atuais condições de trabalho restringem as oportunidades de desenvolvimento profissional.

Marcelo (2009) afirma que as mudanças e as novas realidades assumem um papel desestabilizador na profissão docente, sendo necessário observar as repercussões apresentadas pelas professoras. Pois, suas atividades quase sempre vêm atreladas às características pessoais de benevolência, vocação, assistência e dedicação, o que torna estes profissionais mais predispostos a conflitos e estresse, quando comparados a outros que não carregam tal estigma. A professora Vida aborda em sua narrativa alguns dilemas enfrentados na docência.

Primeiramente falo de uma forma geral quanto o processo de adoecimento na profissão, sempre percebi a falta de valorização do professor pela família e alunado, o professor para fazer uma formação precisa tirar do bolso e quando chega no chão da escola não é valorizado. Muito triste essa realidade! Outro ponto é a jornada de trabalho que estressa qualquer vivente, sem contar que ainda temos as ocupações em casa, mesmo dispondo da ajuda do marido. São muitas as responsabilidades, quantas vezes mesmo sentindo mal tinha que estar presente, pois não tinha como ausentar e deixar o aluno sem aula. Quando adoeci, precisei me afastar repentinamente, antes resistia para não dar atestado para não atrapalhar a rotina da escola. Até chegar o momento em que fui obrigada a dá entrada a Licença Saúde, mas, quando você se afasta é horrível, é uma sensação de inutilidade. Houve perda salarial no período que mais necessitei para fazer exames fora da cidade, foi o momento que recebia apenas o abono salarial, lembrando que todos os meus relatórios médicos eram expedidos por médicos especialistas. (Professora Vida, em 2017)

A professora Vida relata, de forma bem elucidativa, a sensação da sobrecarga do trabalho docente somadas ao seu papel de dona de casa. Além da docência, é necessário se encarregar das atividades direcionadas socialmente ao sexo feminino. No caso específico da docente, esta podia dispor do auxílio do esposo, todavia em muitas famílias não existe apoio nos afazeres domésticos o que faz aumentar às atividades femininas em muitos lares.

Para Costa (2010) o trabalho fora do lar era estritamente direcionado aos homens. Uma vez que, as ocupações masculinas eram sempre voltadas ao domínio público, político e econômico. Já a trajetória profissional das mulheres, é marcada por sobrecarga, interrupções e submissão. O autor, ainda refere-se ao papel da maternidade que a mulher exerce na sua caminhada profissional e que algumas vezes se encerra, para que assumam exclusivamente o papel de mãe. Homens que realizam as mesmas ocupações são insetos da demanda da paternidade, para se dedicar exclusivamente ao trabalho fora.

Estudava aqui em Jequié de Segunda a Quarta e lecionava na minha cidade quinta e sexta-feira nos três turnos. Só suportei no primeiro semestre, pois a viagem era cansativa e eu tinha que planejar, preparar as avaliações, corrigir e dá conta das atividades do curso. Como o meu esposo, também professor, tinha sido aprovado no curso de Pedagogia no mesmo Vestibular, fizemos uma loucura de abandonar tudo e vir de mudança para Jequié (detalhe - Éramos concursados pelo Município, tínhamos estabilidade financeira e dois filhos menores - 4 e 8 anos-para cuidar). Um ano depois de estar na faculdade sempre ficava meio saudosa, lembrava dos meus alunos com carinho e mesmo com salas super lotadas (era a única escola municipal na sede - 40 a 50 alunos por salas), eu sempre sonhava em voltar e ir para sala de aula com essa nova bagagem. Como percebi que estava cada vez mais distante a ideia de voltar a minha cidade para lecionar e eu tinha, junto com meu esposo, que sustentar a minha família, enfrentei monitorias, escolas particulares e trabalhos que pudesse me dar suporte para isso. (Professora Esterlina, em 2017)

Esterlina narra uma situação de grandes desafios em se manter no trabalho, demonstra com isso que a docência é uma prática profissional realizada diante de situações adversas, vivenciada pela instabilidade e as significativas alterações das relações laborais. Ressalta-se a ligação dessas experiências com o excesso de trabalho exigidos as docentes, ocasionando o enfraquecimento das mesmas. Nas narrativas das professoras, a questão econômica foi um problema que se destacou, já que precisavam ampliar a carga horária de trabalho para conseguirem sobreviver.

Um fato observado por Costa (2010) é que as mulheres não iniciaram a sua vida na docência para o sustento da família, o seu serviço seria uma contribuição a renda do esposo no lar. Contudo, atualmente a organização familiar vivencia outras configurações, pois é o trabalho feminino que muitas vezes assume todas as despesas da casa. No caso da professora Esterlina para auxiliar o esposo nos custos domésticos, era preciso intensificar as suas demandas de trabalho.

A professora aborda a difícil rotina na busca por melhores condições salariais e, para isso, têm que se submeter ao trabalho em diferentes locais, como formas de se

manter empregada. Considerando-se a precariedade da educação brasileira da atualidade, o contexto profissional docente e as dificuldades relativas ao ofício, se tornam de suma importância reconhecer a grande carência para o aperfeiçoamento das condições de trabalho das docentes, que sofrem inúmeras críticas a respeito da sua contribuição para a sociedade. Associado a este fator, existe uma enorme depreciação dos trabalhadores deste ramo, com baixas remunerações, condições de trabalho instáveis, falta de respeito, e também, as péssimas condições do ambiente laboral, entre outros (VASCONCELOS, 2014).

A professora Andréa aborda que as contrariedades do ambiente de trabalho têm afetado diretamente a sua vida pessoal. A relação com os filhos tem sofrido impactos negativos devido à forma que esta profissional absorve as angústias no trabalho docente e, resulta que imprime nas crianças reações desagradáveis perante a convivência familiar.

[...] os problemas da escola vêm afetando diretamente minha relação com os meus filhos que tem apenas um ano de vida, meu stress do dia a dia, eles sentem e estão se tornando agressivos, mas ao mesmo tempo não posso abrir mão do trabalho. Chego em casa quase todos os dias exausta. (Professora Andréa, em 2017)

A exaustão das mulheres na docência está relacionada ao cansaço físico e mental das demandas realizadas dentro e fora do ambiente escolar. No entanto, Penna (2011) afirma que a paciência e o afeto são sentimentos atribuídos as mulheres, e que no trabalho docente a expectativa é que as mulheres sempre atuem com o sentimento de superação e otimismo frente às adversidades do trabalho. Para a autora ao demonstrar qualidades socialmente construídas, para que aceitem com conformidade os desafios no trabalho, é possível prever que as mulheres assumam um posicionamento de submissão e ocultem sentimentos que poderão manifestar-se de diversas formas, até mesmo com a exaustão como afirma a professora Andréa, ou o adoecimento.

Os fatores apontados nas narrativas das professoras, os quais fazem parte do seu cotidiano de trabalho, incidem tanto no contexto em que atuam, quanto associados as suas demandas de mulher, mãe ou dona de casa. O mal-estar faz-se presente justamente quando a docente diminui a sua motivação pela profissão. Nesses casos, o adoecimento pode ser uma consequência de um acúmulo de situações negativas na carreira. Portanto, faz-se necessário cuidado por parte da escola e da política educacional, no sentido de

evitar que o ser professora torne-se um lugar de angústias e não de realizações e crescimentos.

A narrativa da professora Maria Helena chama atenção, devido ao desconforto da professora na profissão, ela não consegue incentivar a filha, também mulher, a seguir os seus passos na educação. Algo que acontecia muito nas gerações passadas, onde as famílias estimulavam a inserção das suas jovens na docência desde cedo.

Várias vezes pensei em desistir da profissão, mas ao mesmo tempo é a profissão que eu escolhi e faço por amor, espero que sejamos reconhecidos pra que a gente não precise largar nosso trabalho e recomeçar de novo. O que ainda me faz permanecer nessa profissão é sonhar com um futuro melhor, tanto nosso quanto dos nossos alunos. Eu espero de verdade que a profissão “Professor” seja reconhecida e a gente possa ter salários dignos, boas condições de trabalho com salas mais vazias, para que possamos trabalhar dignamente. Mas falo muito para minha única filha não escolher a docência, não é fácil. Espero que ela pense bastante qual profissão irá escolher. (Professora Maria Helena, em 2017)

Para Costa (2010) na contemporaneidade o movimento de profissionalizar uma atividade vista como inerente as mulheres vêm se desfazendo. Até porque as mulheres têm buscado o empoderamento feminino e lutado para conquistar o seu lugar, tomando suas próprias decisões na sociedade em que vive.

Contudo, a docência é vista como uma profissão precária e não é desejo dos pais que os filhos se tornem professores, já que esta é uma profissão desvalorizada socialmente. Gatti e Barretto (2009) afirmam que a docência ainda sofre uma desigualdade com relação a outras profissões. As autoras afirmam que o desenvolvimento da carreira e os salários estão relacionados ao desprestígio profissional docente, já que as condições de trabalho, o ingresso e a permanência na docência, quando comparada a outras profissões com exigência a nível universitário, também são considerados pouco atrativos para jovens que buscam se inserir no mercado de trabalho.

Esta argumentação leva a concluir que, apesar de ser uma profissão de grande relevância, já que urge a necessidade de reconhecer o papel de destaque das professoras na sociedade - uma ocupação que viabiliza outras profissões -, ela está distante de ser uma opção para aqueles que buscam uma formação acadêmica de mais prestígio na sociedade.

De maneira geral, nas narrativas apresentadas pelas professoras foi possível perceber que o trabalho que exercem como docente é visto socialmente como uma

atividade feminina, e que as demandas que lhes são atribuídas, seja na profissão docente somadas com as domésticas são percebidas como corriqueiras. Ou seja, já faz parte da rotina de mulheres o acúmulo de serviços e as exigências que lhes são impostas, afinal, geralmente são elas, as responsáveis por limpar a casa, lavar as roupas e cuidar dos filhos.

Diferente de outras profissões o trabalho docente não acaba quando as professoras saem da escola, existe a necessidade da formação continuada, os serviços escolares que se estendem fora da sala de aula, correção de atividades, pesquisas, confecção de material, enfim, muitas invenções precisam ser realizadas e exigem tempo, disponibilidade e ocupação. Apesar de existir uma compensação financeira, o grande desafio que as mulheres enfrentam no seu cotidiano é a falta de uma valorização por todas as tarefas realizadas.

O ofício das professoras de educação básica, onde as mulheres predominam com sua força de trabalho, são vistos como desqualificados especialmente nas diferenças salariais. Por mais que se busque pela formação continuada, melhores condições de trabalho e valorização da categoria docente é notável a incansável luta pelas melhorias salariais por este grupo de profissionais.

Conclusão

Destarte, é notório o constante comprometimento das docentes com o trabalho desenvolvido, o que reflete no excesso de responsabilidades das professoras com consequências refletidas na sua saúde, procedentes do intenso ritmo e do excesso de trabalho. O cotidiano de trabalho apresentando considera-se desgastante, sobrando um curto período de tempo para o descanso, o cuidar de si. Entre estes pontos apresentados, sobressaem-se a ansiedade, a fadiga e o estresse proveniente do ritmo de trabalho, alternados por efeitos do sistema emocional e que refletem nas características do indivíduo e nas reclamações manifestadas pelas referidas trabalhadoras.

É possível observar que inúmeras sensações são originadas em consequência da área de laboração das docentes, ressaltando que estas podem ser qualificadas como perigosas para a saúde das trabalhadoras, se eventualmente as docentes permanecerem nesta rotina por um grande período.

Um dos principais desafios da profissão docente, portanto, é dirimir a sobrecarga de trabalho, sobretudo das professoras que, por vezes, tem que saber administrar a

questões da família e da escola. Não permitindo, enquanto seres humanos, exercer a capacidade de refletir sobre questões do trabalho e da vida cotidiana. O Estado, dessa forma, tem que oferecer condições de trabalho para que as docentes da educação básica construam o seu percurso profissional com autonomia, a fim de enfrentar os desafios que educação escolar oferece.

Referências

AGUIAR, R.M.R.; ALMEIDA, S.F.C. *Mal-estar na educação: o sofrimento psíquico de professores*. 1.ed. Curitiba: Juruá, 2011.

ASSUNÇÃO, A. A.; OLIVEIRA, D. A. *Intensificação do trabalho e saúde das professoras*. v. 30, n. 107, pp. 349-372. Educ. Soc., 2009.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Leis ordinárias. Brasília: Casa Civil da Presidência da República Federativa do Brasil/Subsecretaria para Assuntos Jurídicos, 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: fevereiro de 2018

CÂMARA, S. C. X.; PASSEGI, M. C. Memorial autobiográfico: Uma tradição acadêmica no Brasil. In: PASSEGI, M.C et al. (Orgs.). *Pesquisa (auto) biográfica: narrativa de si e formação*. 1. ed. Curitiba, PR:CRV, 2013. p. 29-47.

CODO, W. (Org.). *Educação: carinho e trabalho*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes/Brasília: Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação: UnB, Laboratório de Psicologia do Trabalho, 2006.

COSTA, M.V. *Feminização do magistério*. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Trad. PASSEGI, M.C et al. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, 2008.

DUBAR, C. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FARIA, L. M. F. [et al.]. A história da feminização do magistério no Brasil: balanço e perspectivas de pesquisa. In: PEIXOTO, A. M. C. e PASSOS, M. (Orgs.) *A escola e seus atores – educação e profissão docente*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005

FREITAS, N. Q. Adoecimento Relacionado ao Trabalho de Docentes Universitários da Área da Saúde. Dissertação (Mestrado em Enfermagem). Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. Centro de Ciências da Saúde. UFSM - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2015.

GASPAR, M. G. S.; PEREIRA, F.; PASSEGI, M. C. *Narrativas Autobiográficas - Metodologia e Práticas de Formação*. San Sebastián: IV JORNADAS DE HISTÓRIAS DE VIDA EN EDUCACIÓN. El papel de la investigación biográfico-narrativa en la formación inicial y permanente del profesorado, 2013.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. *Professores do Brasil: impasses e desafios*. Brasília, DF: UNESCO, 2009.

HUBERMAN, Michael. O ciclo de vida profissional das professoras. In: NÓVOA, António. (Org). *Vidas de professoras*. 2. ed. Porto: Porto, 1999.

LEMOS, D. *Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições*. v. 24, n. spe 01, pp. 105-120. Salvador: Caderno CRH, 2005.

LOURO, G. L. *Magistério de 1º Grau: um trabalho de mulher*. Educação e Realidade, Porto Alegre, 14(2):31-39, jul/dez. 1989.

_____. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1997.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M.E.D.A. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

NÓVOA, A. (Org.). *Profissão Professor*. 2. ed. Porto: Porto Editora, 1999

MARCELO, C. Desenvolvimento Profissional Docente: Passado e Futuro. *Sísifo Revista de Ciências da Educação*, n.8, p.7-22, jan/abril, 2009.

PASSEGGI, M. C. A formação do formador na abordagem autobiográfica. A experiência dos memoriais de formação. In: SOUZA, Elizeu Clementino. *Tempo, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, Salvador: EDUNEB, 2006.

PASSEGGI, M. C.; SOUZA E. C VICENTINI, P. P. Entre a Vida e a Formação: Pesquisa (Auto)Biográfica, Docência e Profissionalização. *Rev: Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.27, n.1, p.369-386. abr. 2011.

PENNA, M. G. de O. *Exercício docente: posições sociais e condições de vida e trabalho de professoras*. Araraquara, SP: Junqueira e Marin: São Paulo: FAPESP, 2011.

PEREIRA, M.R. *O nome atual do mal-estar docente*. 1.ed. Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2016.

PINEAU, G. As histórias de vida em formação: gênese de uma corrente de pesquisa-
ação formação existencial. *Educação e Pesquisa*, v. 32, n. 2, p. 329-346, maio/ago. 2006.

_____. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: Nóvoa, A.; Finger M. *O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

SOUZA, E. C. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experimental de formação inicial de professores. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). *A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria*. POA: EDIPUCRS, 2004.

_____. Pesquisa narrativa e escrita (auto) biográfica: interfaces metodológicas e formativas. In: SOUZA, E. C; ABRANHÃO, M. H. M. B (Org.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

_____. (Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (Orgs.). *Memória e formação de professores*. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 137-156.

_____. Diálogos cruzados sobre pesquisa (auto) biográfica: análise compreensiva-interpretativa e política de sentido. *Educação*, Santa Maria, v. 39, n. 1, p. 39-50, jan./abr. 2014.

TARDIF, M.; LESSARD, C. *O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas*. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

TEIXEIRA, M.S.S. BRITO, T.T.R. O “fenômeno do professor excedente”, formação e realidade de trabalho dos licenciados em Ciências Biológicas da cidade de Guanambi, interior da Bahia. In: X ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS, ENPEC, Anais. Águas de Lindóia- SP, 2015.

VASCONCELOS, M. B. *O adoecimento do profissional docente*. 2014. 39 f. Monografia (Graduação em Pedagogia). FAPAM - Faculdade de Pará de Minas. Pará de Minas: FAPAM, 2014.

Recebido em fevereiro de 2021.

Aprovado em abril de 2021.